



Use o QRCode para acessar o Caderno Cultural na Internet, com mais artigos e links citados.

Arte: Sergio Ricciuto Conte



O que o Papa Francisco tem a dizer sobre Ética e Inteligência Artificial?

João Cortese*

“Bom Mestre, que devo fazer para ganhar a vida eterna?” A essas palavras de um jovem rico, Cristo responde: “Por que me chamas de bom? Só Deus é bom, e mais ninguém” (Mc 10,17-18). Jesus não diz que Ele não é Deus (ao contrário, sabemos que Ele é a sua Encarnação); apenas é categórico: só Deus é bom.

Nesse sentido, cabe nos inquietarmos quando arriscamos transformar uma tecnologia como a inteligência artificial (IA) em um “oráculo”, em algo que parece poder responder a tudo. Os desenvolvimentos dos últimos anos e, em particular para a percepção pública, a chegada dos Modelos de Linguagem de Grande Escala (em inglês, LLMs), tais como o ChatGPT, trouxeram uma grande preocupação sobre os riscos éticos do uso de tais algoritmos.

Um novo horizonte que se abre. Ao mesmo tempo, os potenciais benefícios são enormes, na medida em que a IA nos pode auxiliar a desperdiçar menos recursos, otimizar processos, salvar vidas por meio de novos tratamentos e muitas outras coisas. De fato, tudo o que Deus criou é bom, e o homem é chamado a colaborar na obra da Criação (cf. Gn 1-2). Se Ele não ignora nenhuma dimensão da vida humana, ou seja, daquilo que concerne sua criatura racional, cabe colocar a questão: onde está Deus quando se fala de “inteligência artificial”?

Diante dos novos desafios da inteligência artificial, o Papa Francisco nos testemunha como a sabedoria cristã cria uma postura humana mais justa para enfrentar todas as situações.

Não se trata, portanto, de demonizar a IA, mas de observar suas potencialidades e seus riscos, para buscar um bom uso dessa tecnologia para a sociedade. Nesse sentido, o Papa Francisco proferiu recentemente uma série de discursos importantes tocando no tema, parte dos quais reproduzimos ao longo deste caderno especial.

Não é aqui o lugar para apresentar uma visão oficial do Magistério da Igreja sobre o tema, de enorme complexidade, inclusive técnica, e que tem visto mudanças extremamente rápidas (o que motivou, inclusive, a [Chamada de Roma por uma Ética na IA](#) em 2020, e a [Nota Antiqua et nova sobre a relação entre inteligência artificial e inteligência humana](#), de 2025). Buscamos simplesmente fazer ressoar aqui a voz do Papa Francisco na sabedoria que ele traz sobre o tema.

As áreas impactadas pela IA na nossa sociedade são muitas: a saúde, o direito, as artes, a educação, entre tantas outras. Igualmente numerosos são os tipos de questões éticas que têm sido levantadas em relação ao uso da IA: privacidade de dados, vieses discriminatórios, impacto ambiental, falta de “explicabilidade” sobre os algoritmos, o futuro do trabalho, concentração de poder nas mãos de algumas empresas, massificação de certas visões de mun-

do por meio de uma padronização que tolhe a criatividade... A certeza que cabe é a de que a reflexão sobre esses assuntos é urgente.

O bom uso da tecnologia. Em particular, deve-se reconhecer que podemos fazer um uso da IA que é melhor ou pior. Como diz o Papa, na sua [Mensagem para o Dia Mundial das Comunicações Sociais de 2024](#), “cada coisa nas mãos do homem torna-se oportunidade ou perigo, segundo a orientação do coração”. Como sabemos bem, é aquilo que sai do homem que louva ou corrompe as ações e a natureza. Mas não cabe, por isso, incorrer no mito da tecnologia neutra. No [discurso ao encontro do G7 sobre IA](#), Francisco completa: “O chamado ‘algoritmo’ [...] não tem nem objetividade nem neutralidade” mas “só pode examinar realidades formalizadas em termos numéricos”.

Trata-se, portanto, de saber colocar a tecnologia (e em particular a IA) no seu justo lugar, para que seja possível fazer dela um bom uso. Especificamente, para uma boa reflexão sobre um adequado uso da IA, é importante nunca nos esquecermos da centralidade da *pessoa humana* e da sua dignidade intrínseca (como destaca a declaração [Dignitas infinita](#)), e, na linha do que traz a encíclica [Fratelli](#)

[tutti](#), retomar o ideal de uma boa política fundamentada na fraternidade universal.

Curiosamente, por mais que se discuta a tecnologia, no caso da IA, mais nos voltamos para o ser humano, trazendo como que por um espelho as grandes questões da antropologia fundamental. Podemos nos questionar se a máquina de fato possui inteligência – e isso nos faz questionar, do ponto de vista filosófico, o que é afinal a inteligência humana? E a consciência, a liberdade e a criatividade? Surge, portanto, uma ocasião para refletir e valorizar essas capacidades que recebemos como dons, entendendo o que as distingue.

Em particular, sabemos que a IA só pode funcionar graças a um enorme volume de dados que servem para informá-la sobre padrões. Mas, como já colocava T. S. Eliot, nos coros de *A rocha*, podemos nos questionar: “Onde está a sabedoria que perdemos no conhecimento? Onde está o conhecimento que perdemos na informação?”. Ao ser humano, de nada aproveitará um mar de dados se naufragarmos em meio a eles por não os usar com sabedoria.

Como dizia o Papa Francisco aos líderes do G7, “falar de tecnologia é falar sobre o que significa ser humano e, portanto, sobre aquela nossa condição única entre liberdade e responsabilidade, ou seja, é falar de ética”.

* Professor de Filosofia no Instituto de Biociências da USP.

A inteligência artificial e o paradigma tecnocrático

A Sagrada Escritura atesta que Deus deu aos homens o seu Espírito a fim de terem “sabedoria, inteligência e capacidade para toda a espécie de trabalho” (Ex 35,31). A inteligência é expressão da dignidade que nos foi dada pelo Criador, que nos fez à sua imagem e semelhança (cf. Gn 1,26) e nos tornou capazes, por meio da liberdade e do conhecimento, de responder ao seu amor. Esta qualidade fundamentalmente relacional da inteligência humana manifesta-se de modo particular na ciência e na tecnologia, que são produtos extraordinários do seu potencial criativo [...] Assim, o próprio progresso da ciência e da técnica – na medida em que contribui para uma melhor organização da sociedade humana, para o aumento da liberdade e da comunhão fraterna – leva ao aperfeiçoamento do homem e à transformação do mundo.

Justamente nos alegramos e nos sentimos reconhecidos pelas extraordinárias conquistas da ciência e da tecnologia, graças às quais se pôs remédio a inúmeros males que afligiam a vida humana e causavam grandes sofrimentos. Ao mesmo tempo, os progressos técnico-científicos, que permitem exercer um controle – até agora inédito – sobre a realidade, colocam nas mãos do homem um vasto leque de possibilidades, algumas das quais podem constituir um risco para a sobrevivência humana e um perigo para a Casa Comum ([Laudato si'](#), LS 104).

Desse modo, os progressos notáveis das novas tecnologias da informação, sobretudo na esfera digital, apresentam oportunidades entusiasmantes, mas também graves riscos, com sérias implicações na prossecução da justiça e da harmonia entre os povos. Por isso, torna-se necessário interrogar-nos sobre algumas questões urgentes: quais serão as consequências, a médio e longo prazos, das novas tecnologias digitais? E que impacto terão elas sobre a vida dos indivíduos e da sociedade, sobre a estabilidade e a paz?

O futuro da inteligência artificial, por entre promessas e riscos. Os progressos da informática e o desenvolvimento das tecnologias digitais, nas últimas décadas, começaram já a produzir profundas transformações na sociedade global e nas suas dinâmicas. Os novos instrumentos digitais estão a mudar a fisionomia das comunicações, da administração pública, da instrução, do consumo, dos intercâmbios pessoais e de inúmeros outros aspetos da vida diária. [...]

Devemos recordar-nos de que a pesquisa científica e as inovações tecnológicas não estão desencarnadas da realidade nem são “neutras” (LS 114), mas estão sujeitas às influências culturais. Sendo atividades plenamente humanas, os rumos que tomam refletem opções condiciona-



O Papa Francisco, em sua [mensagem para o Dia Mundial da Paz de 2024](#), nos lembra de que a inteligência é um dom de Deus, que se manifesta na ciência e na tecnologia – mas que deve ser usada com respeito à dignidade humana e buscando servir ao bem comum.*

das pelos valores pessoais, sociais e culturais de cada época. E o mesmo se diga dos resultados que alcançam: como fruto de abordagens especificamente humanas do mundo envolvente, têm sempre uma dimensão ética, intimamente ligada às decisões de quem projeta a experimentação e orienta a produção para objetivos particulares.

Isso se aplica também às formas de inteligência artificial. Desta, até o momento, não existe uma definição unívoca no mundo da ciência e da tecnologia. A própria designação, que já entrou na linguagem comum, abrange uma variedade de ciências, teorias e técnicas destinadas a fazer com que as máquinas, no seu funcionamento, reproduzam ou imitem as capacidades cognitivas dos seres humanos. Falar de “formas de inteligência”, no plural, pode ajudar sobretudo a assinalar o fosso intransponível existente entre estes sistemas, por mais surpreendentes e poderosos que sejam, e a pessoa humana: em última análise, aqueles são “fragmentários”, já que têm possibilidades de imitar ou reproduzir apenas algumas funções da inteligência humana. Além disso, o uso do plural destaca que tais dispositivos, muito diferentes entre si, devem ser sempre considerados como “sistemas sociotécnicos”. Com efeito, o seu impacto, independentemente da tecnologia de base, depende não só do projeto, mas também dos objetivos e interesses de quem os possui e de quem os desenvolve,

bem como das situações em que são utilizados.

Por conseguinte, a inteligência artificial deve ser entendida como uma galáxia de realidades diversas e não podemos presumir, *a priori*, que o seu desenvolvimento traga um contributo benéfico para o futuro da humanidade e para a paz entre os povos. O resultado positivo só será possível se nos demonstrarmos capazes de agir de maneira responsável e respeitar valores humanos fundamentais como “a inclusão, a transparência, a segurança, a equidade, a privacidade e a fiabilidade” ([Discurso aos participantes no Encontro dos Minerva Dialogues](#), 27/mar/2023).

E não é suficiente presumir, por parte de quem projeta algoritmos e tecnologias digitais, um empenho em agir de modo ético e responsável. É preciso reforçar ou, se necessário, instituir organismos encarregados de examinar as questões éticas emergentes e tutelar os direitos de quantos utilizam formas de inteligência artificial ou são influenciados por ela. [...]

O sentido do limite no paradigma tecnocrático. O nosso mundo é demasiado vasto, variado e complexo para ser completamente conhecido e classificado. A mente humana nunca poderá esgotar a sua riqueza, nem sequer com a ajuda dos algoritmos mais avançados. De fato, estes não oferecem previsões garantidas do futuro, mas apenas aproximações estatísticas. Nem tudo pode ser pre-

visto, nem tudo pode ser calculado; no fim de contas, “a realidade é superior à ideia” ([Evangelii gaudium](#), EG 233) e, por mais prodigiosa que seja a nossa capacidade de calcular, haverá sempre um resíduo inacessível que escapa de qualquer tentativa de quantificação.

O risco é que os critérios subjacentes a certas escolhas se tornem menos claros, que a responsabilidade de decisão seja ocultada e que os produtores possam subtrair-se à obrigação de agir para o bem da comunidade

O respeito fundamental pela dignidade humana requer a rejeição de que a unicidade da pessoa seja identificada com um conjunto de dados.

Isso deve fazer-nos refletir sobre um aspecto transcurado frequentemente na atual mentalidade tecnocrática e eficientista, mas decisivo para o desenvolvimento pessoal e social: o “sentido do limite”. Com efeito, o ser humano, mortal por definição, pensando em ultrapassar todo o limite mediante a técnica, corre o risco, na obsessão de querer controlar tudo, de perder o controle sobre si mesmo; na busca de uma liberdade absoluta, de cair na espiral de uma ditadura tecnológica. Reconhecer e aceitar o próprio limite de criatura é condição indispensável para que o homem alcance ou, melhor, acolha a plenitude como uma dádiva; ao passo que, no contexto ideológico de um paradigma tecnocrático animado por uma prometeica presunção de autossuficiência, as desigualdades poderiam crescer sem medida, e o conhecimento e a riqueza acumular-se nas mãos de poucos, com graves riscos para as sociedades democráticas e uma coexistência pacífica.

* Trechos da Mensagem do Papa Francisco para a celebração do Dia Mundial da Paz de 2024, Inteligência artificial e paz

A inteligência artificial vista com a sabedoria do coração

A evolução dos sistemas da chamada “inteligência artificial” [...] a rápida difusão de maravilhosas invenções, cujo funcionamento e potencialidades são indecifráveis para a maior parte de nós, suscita um espanto que oscila entre entusiasmo e desorientação e põe-nos inevitavelmente diante de questões fundamentais: o que é, então, o homem, qual é a sua especificidade e qual será o futuro do *Homo sapiens* na era das inteligências artificiais? Como podemos permanecer plenamente humanos e orientar para o bem a mudança cultural em curso?

Antes de tudo, convém limpar o terreno das leituras catastróficas e dos seus efeitos paralisadores. Há um século, Romano Guardini, refletindo sobre a técnica e o homem, convidava a não se inveterar contra o “novo” na tentativa de “conservar um mundo belo condenado a desaparecer”. Ao mesmo tempo, porém, com veemência profética, advertia: “O nosso posto é no devir. Devemos inserir-nos nele, cada um no seu lugar (...), aderindo honestamente, mas permanecendo sensíveis, com um coração incorruptível, a tudo o que nele houver de destrutivo e não humano”. E concluía: “Trata-se – é verdade – de problemas de natureza técnica, científica e política; mas só podem ser resolvidos passando pelo homem. Deve-se formar um novo tipo humano, dotado de uma espiritualidade mais profunda, de uma nova liberdade e de uma nova interioridade” (GUARDINI, R. *Cartas del Lago de Como*. Navarra: EUNSA, 2013)

Neste tempo que corre o risco de ser rico em técnica e pobre em humanidade, a nossa reflexão só pode partir do coração humano. Somente dotando-nos de um olhar espiritual, apenas recuperando uma sabedoria do coração, é que poderemos ler e interpretar a novidade do nosso tempo e descobrir o

Em um tempo que corre o risco de se tornar “rico em técnica e pobre em humanidade”, o Papa Francisco, no Dia Mundial das Comunicações Sociais de 2024, nos convida a refletir sobre a inteligência artificial a partir do nosso coração.*



caminho para uma comunicação plenamente humana. O coração, entendido biblicamente como sede da liberdade e das decisões mais importantes da vida, é símbolo de integridade e de unidade, mas evoca também os afetos, os desejos, os sonhos, e sobretudo é o lugar interior do encontro com Deus. Por isso, a sabedoria do coração é a virtude que nos permite combinar o todo com as partes, as decisões com as

suas consequências, as grandezas com as fragilidades, o passado com o futuro, o eu com o nós.

Esta sabedoria do coração deixa-se encontrar por quem a busca e deixa-se ver a quem a ama; antecipa-se a quem a deseja e vai à procura de quem é digno dela (cf. Sab 6,12-16). Está com quem aceita conselho (cf. Pr 13,10), com quem tem um coração dócil, um coração que escuta (cf. 1 Re 3,9). É um dom do Espírito Santo, que permite ver as coisas com os olhos de Deus, compreender as interligações, as situações, os acontecimentos e descobrir o seu sentido. Sem essa sabedoria, a existência torna-se insípida, pois é precisamente a sabedoria que dá gosto à vida: a sua raiz latina *sapere* associa-a a “sabor”.

Não podemos esperar essa sabedoria das máquinas. Embora o termo inteligência artificial já tenha suplantado o termo mais correto utilizado na literatura científica de *machine learning* (aprendizagem automática), o próprio uso da palavra “inteligência” é falacioso. É certo que as máquinas têm uma capacidade imensamente maior do que os seres humanos de memorizar os dados e relacioná-los entre si, mas compete ao homem, e só a ele, decodificar o seu sentido. Não se trata, pois, de exigir das máquinas que pareçam humanas; mas de despertar o homem da hipnose em que cai devido ao seu delírio de onipotência, crendo-se sujeito totalmente autônomo e autorreferencial, separado de toda a ligação social e esquecido da sua condição de criatura [...]

Somos chamados a crescer juntos, em humanidade e como humanidade. O desafio que temos diante de nós é realizar um salto de qualidade para estarmos à altura de uma sociedade complexa, multiétnica, pluralista, multirreligiosa e multicultural.

* Trechos da Mensagem do Papa Francisco para o Dia Mundial das Comunicações Sociais de 2024.

O uso responsável das tecnologias

O tema da inteligência artificial é frequentemente percebido como ambivalente: por um lado, entusiasmo pelas possibilidades que oferece; por outro, gera temor pelas consequências que deixa antever. A esse respeito, pode dizer-se que todos nós somos, embora em graus diferentes, atravessados por duas emoções: ficamos entusiasmados quando imaginamos os progressos que podem advir da inteligência artificial, mas, ao mesmo tempo, amedrontados quando constatamos os perigos inerentes ao seu uso.

Não podemos duvidar de que o advento da inteligência artificial representa uma verdadeira revolução cognitivo-industrial que contribuirá para a criação de um novo sistema social caracterizado por complexas transformações epocais. Por exemplo: a inteligência artificial poderia permitir uma democratização do acesso ao conhecimento, o progresso exponencial da investigação científica, a possibilidade de delegar às máquinas os trabalhos exaustivos; mas, ao mesmo tempo, ela poderia trazer consigo uma maior injustiça entre nações desenvolvidas e nações em vias de desenvolvimento, entre classes sociais dominantes e classes sociais oprimidas, colocando em peri-

Na reunião do G7, o Papa Francisco fala sobre o bom uso da inteligência artificial.*



go a possibilidade de uma “cultura do encontro” em favor de uma “cultura do descarte” [...]

Nesse sentido, talvez se possa partir da constatação de que a inteligência artificial é, antes de tudo, um instrumento. E é natural afirmar que os benefícios ou danos que trará dependerão do modo como é utilizada. Isso é certa-

mente verdade, pois foi assim para cada ferramenta construída pelo ser humano desde o início dos tempos.

O uso das nossas ferramentas nem sempre está orientado exclusivamente para o bem [...] Somente se for garantida a vocação [dos instrumentos tecnológicos] ao serviço do homem, [eles] revelarão não apenas a grandeza e a dignidade

única do ser humano, mas também o mandato que este recebeu de “cultivar e guardar” (cf. Gn 2,15) o planeta e todos os seus habitantes. Falar de tecnologia é falar sobre o que significa ser humano e, portanto, sobre aquela nossa condição única entre liberdade e responsabilidade, ou seja, é falar de ética. [...]

Não devemos esquecer que nenhuma inovação é neutra. A tecnologia nasce com um propósito e, com o seu impacto na sociedade humana, representa sempre uma forma de ordem nas relações sociais e uma disposição de poder, permitindo a uns realizar determinadas ações, enquanto a outros impede de concretizar outras. Esta dimensão constitutiva de poder da tecnologia inclui sempre, de uma maneira mais ou menos explícita, a visão do mundo de quem a criou e a desenvolveu.

* Papa Francisco, trechos do seu Discurso apresentado na reunião do G7, 14/jun/2024)

As imagens das páginas 2, 3 e 4 foram geradas com inteligência artificial, Copilot e Gemini, mostrando os méritos e as limitações desse recurso

Uma sabedoria orientada para o futuro

João Cortese* e
Francisco Borba
Ribeiro Neto**

O Papa Francisco faz um convite para que a reflexão sobre a inteligência artificial coloque o ser humano no centro, zelando pela sua integralidade, enriquecida pela pluralidade de perspectivas que é representada em um poliedro (Evangeli gaudium, EG 236).

Em um momento no qual o mundo se divide entre a fascinação e o terror diante dos avanços da inteligência artificial (IA), impressiona que uma visão equilibrada e propositiva sobre um tema tão atual possa vir de Francisco, um senhor com mais de 80 anos. É a sabedoria que vem de um ancião, mostrando a contribuição, sempre lembrada pelo Papa, que os idosos podem dar.

Sabedoria que não vem apenas de uma inteligência individual, mas é um produto comunitário, fruto de um diálogo – possibilitado pela comunhão cristã – em que várias pessoas, com formações e interesses diversos, convergem na busca do bem e da verdade. Mesmo que existam interesses econômicos, políticos e até acadêmicos entre os muitos colaboradores da reflexão eclesial sobre a IA, mesmo que os participantes desse diálogo nem sempre compartilhem a mesma fé, o resultado desse esforço conjunto é orientado por esse desejo do bem e da verdade. Um discernimento adequado sobre uma problemática tão nova e complexa seria impossível individualmente. É graças a esse apoio da comunidade que se torna possível ao Papa ter um juízo tão claro e bem-informado sobre a IA.

Partindo do amor à pessoa. O Papa apresenta uma verdadeira atenção ao ser humano, um interesse humanista, que dá coesão a toda a reflexão. Quando se tem um olhar realista para a condição humana, buscando, com amor, o bem das pessoas, fica muito mais fácil identificar tanto as contribuições quanto os perigos da IA. Mais: não se pode esquecer que esse olhar humanista nasce da fé, que dá a esperança e o cuidado necessários para não se deixar dominar

pelo medo, nem se iludir com os avanços da técnica.

O Papa nos apresenta uma visão equilibrada da IA, tema tanto fascinante quanto desafiador, considerando tanto suas potencialidades quanto os temores que suscita, evitando tanto um maravilhamento ingênuo quanto uma fobia desmesurada. Tal sabedoria, no contexto do humanismo cristão, coloca o ser humano na posição justa para avaliar os problemas do mundo. Contudo, é claro, ainda existe um longo caminho pela frente, com vistas a um uso sábio e humanizado da IA – nesse sentido, como ressaltado acima, a colaboração de diversas pessoas nessa reflexão urgente se faz da maior necessidade.

A riqueza de uma Tradição ilumina o futuro. É nesse sentido que se revela a importância da tradição, que ao mesmo tempo aprende com o novo e resgata o valor do que já existe, trazendo um



olhar de sabedoria sobre o ser humano, contemplando tanto sua grandeza quanto suas fraquezas. Nas palavras de Francisco: “Sinto esta tradição da Igreja, que não é uma coisa de museu. A tradição é como as raízes, que te dão a seiva para crescer. Não te tornarás como as raízes! Tu florescerás, a árvore crescerá, darás fruto e as sementes serão raízes para os outros. A Tradição da Igreja está sempre em movimento”.

Com esse olhar sobre a dimensão humana da questão da IA, o Papa adverte que se trata de uma questão de identidade: “já é legítimo supor que o uso [da IA] influenciará cada vez mais a nossa forma de viver, as nossas relações sociais e, no futuro, até mesmo a maneira como concebemos a nossa identidade como seres humanos” [discurso na reunião do G7]. A reflexão sobre a IA traz, portanto, como por um espelho, a reflexão antropológica essencial: quem é o ser humano?

Respeitando a pluralidade. Ao mesmo tempo, o Papa Francisco indica em seus discursos que tal sabedoria sobre quem é o ser humano não deve apagar a diversidade que existe entre as pessoas e entre os povos, inestimável riqueza da humanidade. Justamente por sua padronização e por seu mecanismo que tende a reproduzir mais do mesmo, a IA traz o risco do apagamento de tal diversidade, massificando uma certa visão de mundo. Nesse sentido, pode-se pensar que a perda de distintos olhares, oriundos de uma diversidade de línguas e etnias, é um dos riscos do uso generalizado e sem reflexão da IA.

“A revolução digital pode tornar-nos mais livres, mas certamente não conseguirá fazê-lo se nos prender nos modelos designados hoje como *echo chamber* (câmara de eco). Nesses casos, em vez de aumentar o pluralismo da informação, corre-se o risco de se perder em um pântano anônimo, favorecendo os interesses do mercado ou do poder. Não é aceitável que a utilização da inteligência artificial conduza a um pensamento anônimo, a uma montagem de dados não certificados, a uma desresponsabilização editorial coletiva. A representação da realidade por *big data*, embora funcional para a gestão das máquinas, implica, na realidade, em uma perda substancial da verdade das coisas, o que dificulta a comunicação interpessoal e corre o risco de danificar a nossa própria humanidade. A informação não pode ser separada da relação existencial: implica o corpo, o situar-se na realidade; pede para correlacionar não apenas dados, mas experiências; exige o rosto, o olhar, a compaixão e ainda a partilha.” (Mensagem do Papa Francisco para o Dia Mundial das Comunicações Sociais de 2024)

* Professor de Filosofia no Instituto de Biociências da USP.

** Editor dos Cadernos Fé e Cultura e Fé e Cidadania do O SÃO PAULO.

IA: a questão fundamental é sempre antropológica

Segundo o Papa Francisco, só o coração poderá nos orientar para um sábio uso dos algoritmos, em prol de todo o gênero humano (Trechos da Mensagem à Cúpula Mundial sobre a Inteligência Artificial, 10-11/fev/2025).

Na minha última carta encíclica, *Dilexit nos* (DN 14,20) quis distinguir a categoria dos algoritmos da do “coração”, conceito-chave defendido pelo grande filósofo e cientista Blaise Pascal [...] para sublinhar que, se os algoritmos podem ser usados para enganar o homem, o “coração”, entendido como a sede dos sentimentos mais íntimos e mais verdadeiros, nunca o poderá enganar [...] É apenas do “coração” humano que provém o sentido da sua existência (cf. Blaise Pascal, *Pensamentos*) [...] Convido a acolher como axiomático o princípio: “O amor vale mais do que a inteligência” (Jacques Maritain, *Reflexões*



sobre a inteligência, 1938).

[...] Já na minha [Mensagem para o Dia Mundial da Paz de 2024](#), dedicada à inteligência artificial, salientei que “nos debates sobre a regulamentação da inteligência artificial, dever-se-ia ter em conta as vozes de todas as partes interessadas, incluindo os pobres, os marginalizados e outros que muitas vezes permanecem ignorados nos processos de decisão globais”.

[...] A questão fundamental, porém, continua e continuará sempre a ser antropológica, ou seja: se “o ser humano, como ser humano”, no contexto do progresso tecnológico, se tornará “verdadeiramente melhor, isto é, mais amadurecido espiritualmente, mais consciente da dignidade da sua humanidade, mais responsável, mais aberto para com os outros, em particular para com os mais necessitados e os mais fracos”. (SÃO JOÃO PAULO II. [Redemptor hominis](#), RH 15). O nosso desafio último é o ser humano e continuará a ser sempre o ser humano; nunca o esqueçamos.